

5. Conhecendo a família

pais de kasseguis e filhos imigrantes

Cizina Célia Fernandes Pereira Resstel

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

RESSTEL, CCFP. Conhecendo a família: pais de kasseguis e filhos imigrantes. In: *Desamparo psíquico nos filhos de de kasseguis no retorno ao Brasil* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 105-114. ISBN 978-85-7983-674-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

5. CONHECENDO A FAMÍLIA: PAIS DEKASSEGUIS E FILHOS IMIGRANTES

Pais de Eiko e Letícia: sr. Ito / sra. Natsu

O primeiro contato com o senhor Ito foi feito por telefone. O senhor Ito, pai das crianças Eiko e Letícia, ligou para dizer que tinha interesse em participar da nossa pesquisa voltada aos filhos de *dekasseguis* que retornam ao Brasil. Ele obtivera a informação sobre a pesquisa no Nikkei Clube de Marília.

O pai das crianças Eiko e Letícia tem 39 anos de idade, cursou o ensino médio no Brasil. Há quinze anos imigrou para o Japão. O senhor Ito é *sansei*, ou seja, terceira geração de descendentes de japoneses. Ele foi para o Japão em 1992, quando tinha 20 anos de idade. O seu último emprego no Japão foi numa fábrica de componentes eletrônicos, onde trabalhava no setor de almoxarifado, no período da manhã e à noite. Antes de ir para o Japão, era feirante. O que o fez emigrar para o Japão foi a intenção de adquirir uma casa própria no Brasil.

A mãe das crianças tem 33 anos de idade, concluiu o ensino médio no Brasil. A mãe, que chamaremos de Natsu, também é *sansei*, ou seja, neta de japoneses. Aos 17 anos de idade, em 1997 deixou o Brasil e foi para o Japão. Em seu último emprego, a senhora Natsu trabalhava em um hotel no Japão e desempenhava vários tipos de

funções, desde arrumadeira de colchões até em eventos para festas. Sua jornada de trabalho era de quatro horas diárias, de domingo a domingo, o que permitiria ficar parte do tempo com as crianças. O motivo que a levou a emigrar para o Japão foi o desejo de formar uma poupança para cursar uma universidade no Brasil.

A senhora Natsu diz saber falar e escrever o idioma japonês. O senhor Ito também afirma falar o idioma japonês, porém tem menos conhecimento na escrita da língua em relação à sua esposa.

A família de Eiko e Leticia já se encontrava no Japão em 2003 e retornou para o Brasil em meados de 2009, após o Japão ter entrado em recessão, a qual fora desencadeada pela crise financeira global e somada à falência do banco Lehman Brothers, que ocorreu em setembro de 2008. Como outros milhares de *dekasseguis*, o senhor Ito fica desempregado. A senhora Natsu continua trabalhando no hotel, mas o seu salário não sustenta a família, já que trabalha um período de quatro horas diárias. A decisão de retornar ao Brasil é tomada pelo pai das crianças.

O senhor Ito e a senhora Natsu foram solteiros para o Japão e se conheceram lá. Vieram para o Brasil para o senhor Ito pedir a mão dela em casamento aos sogros. Casaram-se no Brasil e retornaram para o Japão. O senhor Ito refere-se à família como uma família muito tradicional e que gosta de tudo certinho. Quando retornaram para o Brasil, em 2009, o casal veio acompanhado das duas filhas.

No Brasil, o casal investiu em um negócio comercial. A família do senhor Ito estava residindo em uma edícula que é a casa dos pais da senhora Natsu, avós maternos das crianças. Os avós maternos das crianças permaneceram no Japão por mais alguns anos e retornaram para o Brasil em meados de 2012. Atualmente, estão morando todos juntos numa casa maior, a família do senhor Ito, os avós maternos e mais uma tia materna com três filhos que também retornaram em 2012 do Japão, por causa da crise econômica que vem afetando o país.

No primeiro contato, o casal formado pelo senhor Ito e pela senhora Natsu chegou no horário marcado; ambos usavam trajes sociais, típicos de um encontro formal. A senhora Natsu expressava-se

em um tom de voz um pouco mais baixo do que estamos acostumados a ouvir; sua voz era suave e ela apresentava um comportamento delicado. O casal tinha traços físicos japoneses.

Uma entrevista foi realizada com casal, com duração de 2 horas, no dia 12/4/2012.

Apresentaremos, a seguir, os casos Eiko e Letícia.

Caso Eiko

A adolescente Eiko está com 13 anos de idade, nasceu na cidade de Matsumoto, na província/estado de Nagano, região central do Japão. Depois do nascimento de Eiko, os pais ficaram por um período de seis meses no Japão e, em seguida, vieram para o Brasil e permaneceram por mais de dois anos. Antes de Eiko completar 3 anos de idade a família retornou ao Japão. Os pais relatam que sua filha Eiko diz ser japonesa, porque nasceu no Japão. No seu registro de nascimento, apesar de constar o nome da cidade em que nasceu, Matsumoto/Japão, Eiko não é uma japonesa nata, mas sim uma brasileira.

No Japão, Eiko frequentou creche e escola japonesas. Havia terminado o terceiro ano do ensino fundamental. Na escola japonesa, Eiko apresentou dificuldades com a escrita denominada *kanji*,¹ tendo que frequentar aulas de reforço do idioma japonês. No Japão há outras formas de escrita, o *hiragana*,² o *katakana*,³ e o *romaji*.⁴ No arquipélago oriental, mesmo que Eiko se considerasse uma japonesa, ela era uma estrangeira na terra dos seus antepassados. A comunicação em casa com os pais ocorria no idioma japonês. A adolescente Eiko, no Japão, não tinha contato com a língua portuguesa.

1 *Kanji*: forma de caracteres da escrita japonesa.

2 *Hiragana*: forma de escrita japonesa. O *hiragana* é usado para palavras de origem japonesa.

3 *Katakana*: forma de escrita japonesa. O *katakana* é usado para palavras de origem estrangeira.

4 *Romaji*: o alfabeto romano.

Quando Eiko veio para a primeira entrevista, estava com 12 anos e meio. Eiko apresentava todos os traços físicos e comportamentos de uma criança nipônica: a timidez, a delicadeza de uma pequena japonesinha. Ela costuma se vestir à maneira das adolescentes nipônicas: tênis, saias curtas e meias acima dos joelhos. Quase não se ouve o som de sua voz, misturada com uma fonética trêmula, entrecortada, como se não pudesse fazer uma ligação entre as palavras faladas com a língua portuguesa. As palavras eram ditas com muita dificuldade; a sua forma de se expressar e de andar tinham um jeito contido, era diferente do comportamento de uma criança brasileira. No entanto, Eiko é filha de brasileiros, uma brasileira nascida no Japão. Diante das circunstâncias da crise econômica japonesa, ela, aos 9 anos e 9 meses de idade, teve de retornar para o Brasil com os pais, sem saber o idioma português. Ao chegar ao Brasil, Eiko se deparou com as diferenças culturais e as dificuldades de adaptação para se reintegrar ao novo e desconhecido país, o qual não considerava seu país de “origem”, e sim o país de “destino”, que ela não escolheu para viver. Atualmente, sua voz está mais fortalecida, porém as dificuldades de adaptação ainda persistem, principalmente com a língua portuguesa e com o estabelecimento de vínculos de amizades. O comportamento japonês permanece imbricado no jeito de ser de Eiko.

A adolescente Eiko frequenta a 7ª série/8º ano, reprovou a 4ª série/5º ano, pois tinha acabado de chegar ao Brasil, em julho de 2009, e estava com quase 10 anos de idade. As duas irmãs ingressaram na escola brasileira em agosto de 2009, sem saber o idioma português. Seus pais, durante esse período, contrataram professores particulares para ensiná-las. Também se dispuseram a estudar junto com as filhas. No entanto, Eiko não consegue falar fluentemente a língua portuguesa, continua apresentando muitas dificuldades de compreensão das formas mecânica e subjetiva da língua portuguesa. Além disso, tem vergonha de se expressar, acaba se isolando e não tem amigos.

No período de 19/4/2012 a 2/7/2013 foram realizadas 24 entrevistas com a adolescente Eiko. A entrevista gravada teve a duração

de 16 minutos. Utilizamos desenhos para a compreensão do desamparo emocional da criança.

Caso Letícia

A filha caçula Letícia tem 10 anos de idade, nasceu no Brasil, na cidade de Tupã/estado de São Paulo, e, portanto, é brasileira nata. Antes de completar um ano de idade, foi para o Japão e retornou para o Brasil com 7 anos completos. Quando Letícia veio até o nosso consultório pela primeira vez, já tinha 9 anos de idade. No Japão, frequentou a creche e iniciou a primeira série na escola japonesa. No Brasil, a filha caçula entrou na 1ª série/2º ano, em uma escola particular. Ela está conseguindo acompanhar o currículo da escola brasileira, tendo sido alfabetizada no Japão e no Brasil.

A criança Letícia, como a sua irmã Eiko, é delicada, magra, parece uma bonequinha japonesa. Seu comportamento contido a diferencia das crianças brasileiras. Apresenta traços físicos japoneses, costuma usar roupas parecidas com o tipo de vestimentas de crianças nipônicas.

Letícia fez algumas amizades na escola em que estuda. Está cursando a 5ª série/6º ano. Os pais dizem que Letícia afirma que estudou em escola japonesa e aprendeu a cultura do país, e por isso pretende voltar para o Japão. A caçula fala fluentemente os dois idiomas, o português e o japonês.

Diferentemente da irmã Eiko, Letícia não teve nenhuma reprovação escolar. No entanto, apesar de ter mais facilidade para aprender o novo idioma, o português, ainda tem encontrado muitas dificuldades na construção abstrata da língua. Diz que não consegue compreender os significados das palavras e que se cansa de procurá-las no dicionário de língua portuguesa, vivendo um desânimo que ela mesma chama de “preguiça”.

As crianças Eiko e Letícia sempre estudaram em escolas japonesas e não aprenderam a língua portuguesa. Em casa, os pais se comunicavam com as filhas na língua do país de destino. Os pais justificam que as escolas brasileiras no Japão não oferecem profissionais

especializados nem têm uma estrutura física e metodológica de ensino considerada adequada, totalmente diferente da escola japonesa. E, por isso, optaram por matriculá-las em uma escola japonesa.

No contato com o aprendizado da língua portuguesa, as irmãs Eiko e Letícia choravam constantemente. O relato trazido pelas crianças é que a língua portuguesa é muito difícil de ser compreendida e que o comportamento das demais crianças brasileiras as assusta.

Foram realizadas 23 entrevistas com a criança Letícia, no período de 3/5/2012 a 2/7/2013. A entrevista gravada teve a duração de seis minutos. Utilizamos desenhos para a compreensão do desamparo emocional da criança.

Mãe da criança Goro: sra. Haru

A senhora Haru havia acabado de chegar ao Brasil quando tivemos o nosso primeiro contato. Ela nos procurou interessada em participar da pesquisa do retorno dos filhos de *dekasseguis* ao Brasil. A mãe da criança Goro teve conhecimento da realização da pesquisa por intermédio da irmã, Natsu.

A senhora Haru é *sansei* e tem 30 anos de idade. Tem traços físicos japoneses. Sabe falar fluentemente o idioma japonês. Frequentou uma universidade estadual no Brasil, antes de ir para o Japão, porém não conseguiu concluí-la.

A senhora Haru estava grávida de seis meses quando se casou. Relata que a gravidez foi o motivo para casar-se. Durante o namoro, ela engravidou do pai de Goro. Diz: “Fiquei grávida antes de casar e por isso parei com a universidade”.

A separação ocorreu um ano após seu casamento e aconteceu de forma amigável. A família da senhora Haru nunca aceitou o seu casamento, porque o seu marido não conseguia ter um emprego estável e não demonstrava confiança. O pai de Goro tem o ensino fundamental completo e não tem descendência japonesa, mas sim afrodescendência. Quando se casaram no civil, foram morar separados; a senhora Haru ficou na casa dos pais e o marido, na dos pais dele. O

relacionamento era conturbado e a senhora Haru pediu a separação ao pai de Goro. Em 2005, quando Goro tinha um ano e nove meses de idade, a senhora Haru, aos 23 anos, e sua mãe foram trabalhar no Japão. Como *dekassegui*, trabalhou de operária em uma fábrica e conseguiu um cargo de liderança. Permaneceram no Japão por sete anos sem retornar ao Brasil. Moraram na província de Nagano, na cidade de Matsumoto.

No último serviço no Japão, trabalhou numa fábrica na linha de montagem de cartuchos para impressora e, com o tempo, conquistou uma posição de líder por saber falar o idioma japonês. Como líder dos brasileiros, também fazia a tradução da língua japonesa para os *dekasseguis* brasileiros e da língua portuguesa para os líderes japoneses da fábrica. A senhora Haru fazia a intermediação entre japoneses e brasileiros desenvolvendo a função de intérprete no trabalho. Nesse serviço, fazia três horas extras diárias ou mais, não dispondo de tempo para ficar com o filho. A avó materna de Goro trabalhava oito horas diárias; após o término do horário de serviço, tinha o compromisso de buscar o neto Goro na creche.

No Japão, a senhora Haru conheceu o seu atual companheiro, com quem tem um relacionamento estável há cinco anos. Ele também é *sansei*, mestiço, com quem teve mais dois filhos, um menino de 3 anos de idade e o outro de um ano e meio.

No Japão, a língua falada dentro de casa era a japonesa. A senhora Haru diz que a criança, por frequentar a escola japonesa, usava o idioma japonês para se comunicar em família.

A senhora Haru retornou em maio de 2012 para o Brasil com os seus pais. No Brasil, foram morar com a irmã mais velha, os dois sobrinhos e o cunhado. Atualmente, a irmã mais velha mora em outra casa. A família do senhor Ito passou a morar na mesma casa da senhora Haru, em companhia dos avós maternos. Essa casa pertence aos avós maternos das crianças. O companheiro da senhora Haru permaneceu trabalhando por mais um ano no Japão antes de retornar, em maio de 2013.

O menino Goro não conhece e não tem nenhum contato com o seu pai biológico. A mãe diz que o filho não sabe da sua história

de vida. Goro considera a sua família os avós maternos, a mãe e o padrasto, a quem chama de “titio”. Define o pai como aquele quem cria. A mãe relata que a criança não demonstra interesse em conhecer o pai biológico, porém teme um reencontro do filho com seu verdadeiro pai. A mãe justifica que pai e filho se parecem e que teme esse reencontro.

A entrevista gravada com a senhora Haru no dia 28/6/2012 teve duração de 28 minutos. Tivemos mais um contato, no dia 16/8/2012, quando a senhora Haru esteve acompanhada do filho, que não consegue falar a língua portuguesa. O diálogo com os dois ocorreu no idioma japonês, e foi realizada a tradução para o idioma português.

Caso Goro

A criança Goro tem 10 anos de idade, é natural da cidade de Bastos, estado de São Paulo. No primeiro contato, a criança parecia estar retraída, assustada com o novo meio, seu olhar era cabisbaixo. Seu comportamento era esquivo dentro do entorno. Goro se encontrava num ambiente desconhecido; além do mais, não falava a língua portuguesa, apresentando certa resistência em criar vínculos. A princípio, queria a companhia da mãe, a senhora Haru. Por possuir conhecimento básico em língua japonesa, passamos a fazer uso do idioma japonês. Com um vocabulário simples da língua, eu perguntei para a criança se ela estava bem. A criança arregalou os olhos, demonstrando surpresa ao ver que nos comunicávamos com ela na mesma língua do seu conhecimento. A partir desse episódio, iniciou-se o nosso diálogo, na língua japonesa, e em todos os nossos contatos utilizamos expressões japonesas.

Goro é uma criança mestiça japonesa, porém seus cabelos são encaracolados, e os olhos, mais amendoados, o que o difere fisicamente do japonês nativo. Sua mãe, a senhora Haru, fala que seu filho Goro se sentia complexado no Japão por ser fisicamente diferente dos

japoneses. A criança queria ser igual aos japoneses e se achava uma criança feia.

No Japão, quando era Dia dos Pais, a criança ficava triste. A professora pedia para fazer um desenho, porém a criança desenhava a figura da mãe ou da avó no lugar do pai, ou seja, preenchia essa ausência com figuras femininas.

A criança ingressou na escola Kumon⁵ para aprender o idioma português e também a matemática, a qual frequentou durante sete meses. A forma de calcular a matemática na escola brasileira é diferente do sistema de ensino japonês. A senhora Haru optou por alfabetizar a criança primeiro na escola de idiomas, antes de matriculá-la numa instituição de ensino brasileira. A criança terminou a segunda série no Japão.

A criança Goro, no Japão, havia sido aprovada para a 3ª série, mas chegou ao Brasil em meados de 2012 e não foi diretamente matriculada na escola de ensino fundamental, quando tinha 9 anos de idade. Goro foi matriculado, no início de 2013, na 3ª série/4º ano, numa escola particular. A mãe pediu à direção para colocá-lo na 3ª série, porque o currículo escolar do no Japão era diferente do Brasil. Dessa forma, não daria sequência ao ano escolar real, que seria a 4ª série. Iniciaria a 3ª série, que não cursou nem no Japão nem no Brasil. Goro ficará um ano escolar atrasado em relação à sua idade cronológica. A criança vem apresentando dificuldades nas disciplinas de português, ciências e história, mas tem conseguido alcançar a média nas avaliações.

Ficamos impossibilitados de gravar a primeira entrevista com Goro por ele não falar o idioma português e por tratar de expressões abstratas.

Foram realizadas onze entrevistas com a criança Goro, no período de 5/7/2012 a 6/7/2013.

5 Kumon: escola de idiomas (japonês, português, inglês) e matemática.

Breve comentário

Essas três crianças somente estudaram em escolas japonesas. Aprenderam a falar e a sentir a linguagem do mundo oriental, totalmente oposta à do mundo ocidental.

A comunicação dentro de casa ocorria no idioma japonês, portanto, a língua portuguesa permaneceu ausente durante anos para essas crianças, que, de forma repentina, viram suas vidas em outro mundo, entraram em contato com outro idioma que não era o japonês, mas o idioma português.